

O PROJETO DE RECONFIGURAÇÃO DA SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO DO MUSEU NACIONAL NA PERSPECTIVA DA INFORMAÇÃO E DA MEMÓRIA

THE NATIONAL MUSEUM'S RECONFIGURATION PROJECT OF THE MEMORY AND ARCHIVE SECTION IN LIGHT OF INFORMATION AND MEMORY

Cássia Costa Rocha Daniel de Deus^a
Diana de Souza Pinto^b

RESUMO

Objetivos: Identificar os elementos do sistema Colheita e refletir sobre questões técnicas e teóricas que o ancoram. Abordar a relação entre memória, informação e arquivos, além de demonstrar a interdependência das ações do homem com a informação e a memória. **Metodologia:** A pesquisa se caracteriza como descritiva e qualitativa, com discussão centrada em autores da área de Ciência da Informação e da Memória Social. **Resultados:** As reflexões teóricas suscitam questionamentos acerca do projeto de reconfiguração e implantação do sistema Colheita e, sobretudo, embasam a constatação de que ambos são construções coletivas da memória. **Conclusões:** Ao considerar que um dos objetivos da Semear é salvaguardar a documentação institucional sobre a memória do Museu Nacional, aponta que as memórias pós-catástrofe devem ser contempladas no projeto de reconfiguração e, conseqüentemente, inseridas no Colheita.

Descritores: Museu Nacional. Seção de Memória e Arquivo. Informação. Memória. Arquivo.

1 INTRODUÇÃO

O incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, no dia 2 de setembro de 2018, provocou a perda de uma parte da história e da ciência da humanidade. A perda é inestimável, tanto material quanto imaterial, uma vez que o acervo do

^a Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: cassiacdeus@gmail.com.

^b Doutora em Saúde Mental pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: diana.pinto@unirio.br.

Museu era composto de coleções com peças únicas reunidas ao longo de 200 anos, fruto da dedicação de inúmeros pesquisadores, técnicos e cientistas do Brasil e de diversos países do mundo.

Neste estudo, o destaque será para a Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR/MN/UFRJ)¹, por seu acervo próprio e sua relevância para as pesquisas desenvolvidas acerca da história da instituição e suas áreas de pertencimento: mineralogia, botânica, zoologia, antropologia, bem como para estudos sobre a memória e história da Ciência, devido à documentação referente a pesquisadores reconhecidos nacional e internacionalmente, como, por exemplo: Imperatriz Leopoldina, Adolfo Lutz², Bertha Lutz³, entre outros.

Vale mencionar que, apesar da enorme perda do conjunto documental do Museu Nacional, duas coleções antigas foram preservadas, por se encontrarem no prédio do Museu Nacional, no Horto Botânico⁴. Uma delas é constituída por 2030 (duas mil e trinta) folhas digitalizadas do Arquivo Administrativo Histórico Científico do Museu Nacional (1810-1880). Outra é a iconográfica que representa a história da instituição nos últimos 140 anos, formada por um conjunto de fotografias, negativos e fitas magnéticas de vídeo que registram as atividades do Museu Nacional e seus diferentes projetos. As duas coleções, após tratamento técnico, deverão ser inseridas no banco de dados do projeto, objeto deste estudo.

A perda da materialidade física da maior parte dos documentos que compunham o acervo da Semear transformou-se em um desafio para os funcionários da Seção⁵ e colaboradores⁶. Dentre os fatores preponderantes que

¹ O Museu Nacional foi incorporado à UFRJ em 1946 (Decreto-Lei nº 8.689 de 16 de janeiro de 1946).

² Médico e cientista brasileiro, reconhecido nos campos de zoologia, epidemiologia e doenças infecciosas.

³ Ativista feminista, Bióloga, política brasileira e pesquisadora do Museu Nacional.

⁴ O Horto Botânico está localizado dentro do Parque da Quinta da Boa Vista e pertence ao Museu Nacional. A alocação da seção deve-se ao incêndio que destruiu o Palácio de São Cristóvão.

⁵ Maria das Graças Freitas Souza Filho (Bibliotecária/ Coordenadora – SEMEAR/UFRJ), Jorge Dias da Silva Junior (Arquivista - SEMEAR/UFRJ) e Gustavo Alves Cardoso Moreira (Historiador - SEMEAR/UFRJ)

⁶ Amauri Marques da Cunha (Engenheiro /Analista de Sistema – NCE/ UFRJ), Maria José Veloso da Costa Santos (Professora Adjunta/ Chefe do Departamento de Biblioteconomia – FCC/UFRJ), Maria de Nazaré Freitas Pereira (Bibliotecária/ Pesquisadora em Ciência da

culminaram no desenvolvimento da proposta de reconfiguração da Semear, destacam-se como principais: a existência de um HD externo, com alguns documentos digitais da Semear, salvo pela coordenadora, devido ao término da elaboração do projeto de fomento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento dos Arquivos Ibero-Americanos⁷. Ainda, a solidariedade de pesquisadores, familiares e funcionários que, de alguma forma, conheceram o acervo da Semear e se prontificaram a devolver a cópia digital dos documentos pertencentes ao acervo.

Outro fator importante foi o vínculo familiar da coordenadora da Semear com Maria de Nazaré Freitas Pereira, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A experiência da pesquisadora também foi decisiva para a proposta de inserção dos arquivos digitais da Semear em um sistema denominado Colheita, com base na metodologia do sistema *Current Research Information System (CRIS)*⁸. O diferencial consiste em disponibilizar os documentos recuperados da Semear e seus desdobramentos em uma única plataforma de acesso.

Em linhas gerais, a função do sistema Colheita é agregar diferentes documentos e informações em um único sistema que será composto pelos seguintes subsistemas: dados de pesquisa (arquivos históricos, mapas, fotos, ilustrações, entre outros), publicações científicas (teses, dissertações, artigos, trabalhos apresentados em eventos, documentários e exposições) e gestão da pesquisa (projeto de pesquisa, relatórios, órgãos de fomento, instituições e pesquisadores). Observa-se a abrangência do Sistema Colheita e, ao mesmo tempo, a sua complexidade em promover a interoperabilidade entre os subsistemas.

É importante esclarecer que o sistema Colheita, depois de implantado, deverá se configurar em duplo sentido, a saber: como representação de uma

Informação – IBICT), Paulo Rogério Marques Sily (Historiador/ Pesquisador –UERJ) e Cássia Costa Rocha Daniel de Deus (Bibliotecária – SiBI/ UFRJ)

⁷ Programa vinculado a Secretaria Geral Ibero –Americana (SEGIB). O edital de fomento refere-se a Convocatória de Iberarquivos 2018.

⁸ Para mais informações: JOINT, Nicholas. Current research information systems, open access repositories and libraries: ANTAEUS, Library Review, v. 57, n. 8, 2008.

memória legitimada pela instituição⁹, bem como um processo de criação de outras memórias. Segundo Gondar (2016), as representações são apenas uma parte da memória social considerada como um processo. A autora ressalta que não se deve desprezar as condições processuais da produção da memória. Nesse cenário, emergem as seguintes questões: Como será o processo de construção da memória da Semear? Quais os elementos que configurarão esse processo?

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a proposta do sistema Colheita nas óticas da Ciência da Informação, no que tange aos desafios engendrados na sua aplicabilidade no panorama do projeto de reconfiguração, e da Memória Social, à luz do embate entre o lembrar e o esquecer, constitutivos da construção da memória da Semear. Há também o interesse de apontar o projeto de reconfiguração e o sistema Colheita como exemplos de construções coletivas da memória. Antes de enfrentar essas questões, cabe ressaltar a relevância dos arquivos e, particularmente, os da Semear considerados a partir da relação entre informação, memória e arquivos, com ênfase para os valores intangíveis inerentes a eles. Pretende-se, a partir dos tópicos a seguir, apresentar um preâmbulo das questões técnicas e teóricas pertinentes à estruturação do sistema Colheita.

2 RELEVÂNCIA DA SEMEAR: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E ARQUIVOS.

O uso, a produção e a transmissão da informação por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação estão no cerne da Sociedade da Informação. Observa-se que o compartilhamento e o acesso às informações se tornaram vitais na rotina da maioria dos indivíduos. Segundo Castells (2011), o termo “Sociedade da Informação” evidencia a informação como elemento central de toda a atividade humana. Devido a sua relevância, é objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, entre elas, destaca-se a Ciência da Informação, que “está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem,

⁹ O projeto foi aprovado pelo diretor do Museu Nacional, Alexander Wilhelm Armin Kellner, na reunião do dia 22 de novembro de 2018.

coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão e uso de informação.” (BORKO, 1968, p. 3, tradução nossa).

Na área da Ciência da Informação, existem diversos estudos epistemológicos e filosóficos sobre informação. Explorar os principais vieses conceituais, com todos os preceitos correlacionados, não é a proposta deste artigo. Portanto, apenas alguns autores serão mencionados a fim de demonstrar a complexidade do termo, sobretudo, para compreender o seu vínculo com a memória. Em relação à complexidade conceitual, Morin (2001, p. 36) a define como “... uma noção nuclear, mas problemática. Daí toda a sua ambiguidade: não se pode dizer quase nada sobre ela, mas não se pode passar sem ela”. Nesse sentido, Capurro (2003) explica que o uso do termo “informação” pode ter significados diferentes, porque é dependente do contexto. Por esse motivo, não existe uma definição consensual, mas percepções sobre o seu significado de acordo com a abordagem analítica ou teórica.

O estudo de Buckland (1980) identifica três abordagens da informação, a saber: a primeira considera a informação como geradora de mudanças, ato de informar e processo; a segunda, como conhecimento comunicado acerca de fatos e eventos, e a terceira, a informação como “coisa” atrelada a documentos, objetos e dados. Essa última abordagem, conforme González de Gómez (2002), é atualizada pelo mesmo autor. Em estudos posteriores, ele a qualifica como informação-conhecimento; logo, associa a informação ao aspecto cognitivo. Ainda de acordo com González de Gómez (2009), a partir dos anos 80, a Ciência da Informação começou a desenvolver estudos sobre a intangibilidade da informação, com ênfase na sua abstração.

Tudo isso indica que a concepção da informação como entidade ou substância – algo que simplesmente pode ser transportado entre um emissor e um receptor – é substituída pela concepção que parte do significado e da interpretação, e vê na informação um fator de mudanças das estruturas cognitivas dos sujeitos, logo, papel relevante nos processos humanos de cognição. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p. 118).

O presente estudo é orientado pelo aspecto sociocognitivo da informação, fundamentado na análise de Marteleto (1987), que aponta a interdependência da ação dos homens com a informação que possuem. Está também atrelado ao

paradigma social de Capurro (2003), que preconiza o uso da informação calcado em critérios de seleção e relevância, determinados pelo sujeito, em um contexto específico. Em linhas gerais, observa-se que ação do homem é direcionada pelo uso de informações selecionadas de acordo com a demanda situacional. Entretanto, a equação entre informação e ação só está completa se adicionarmos a memória. Afinal, como os homens acessam as informações que guiam as suas ações?

O vínculo entre a memória e a informação é tratado por Costa (1997). A informação é compreendida como “estímulos, impressões que integram o quadro mais geral das lembranças, que compõem o acervo de experiências do indivíduo” (COSTA, 1997, p. 121). A repetição das impressões ao longo do tempo, segundo Costa (1997), transformam as informações selecionadas em marcas e traços, isto é, memória. Para Le Goff (1990), a memória tem como propriedade a conservação de certas informações. A partir das ponderações apresentadas, é possível inferir que a memória evoca informações, logo, a memória é imbuída de informações que direcionam as ações dos homens sobre o mundo.

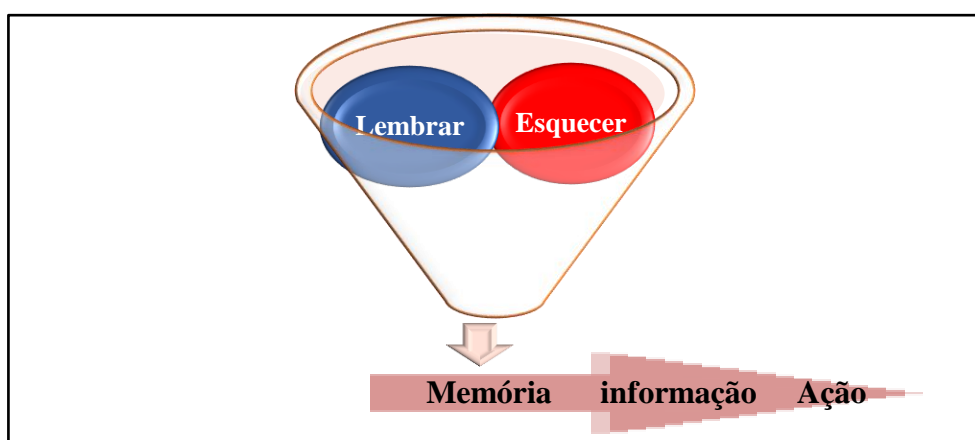
Na esteira dessas considerações, o agir está interligado a dois processos supostamente antagônicos, contudo, complementares da memória: lembrar e esquecer. De acordo com Costa (1997, p. 123), “para viver é preciso esquecer e lembrar, ou seja, selecionar pensamentos, ações, decisões, com todo o arsenal de informações acumuladas no tempo”. Já Gondar (2016) alega que as memórias são construídas ao longo do tempo, por meio da relação complexa entre o lembrar e o esquecer.

esquecer é um ato que se encontra invariavelmente presente em qualquer construção mnemônica. Para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha: a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento. Isso faz da memória o resultado de uma relação complexa e paradoxal entre processos de lembrar e de esquecer, que deixam de ser vistos como polaridades opostas e passam a integrar um vínculo de coexistência paradoxal. (GONDAR, 2016, p. 29).

Sob o aspecto de lembrança e esquecimento, a “(re) construção de

nossas memórias implica a existência de um mecanismo de esquecimento permitindo que de todas as nossas percepções e vivências selecionaremos, ou sejamos levados a selecionar, as que serão memorizadas.” (FERREIRA, 2005, p. 108). Desse modo, o esquecimento pode ser interpretado como um “fenômeno de múltiplas camadas que serve como a própria condição de possibilidade da memória” (HUYSSSEN, 2014, p. 155). As proposições mencionadas estão representadas no esquema a seguir:

Figura 1 – Relação entre memória, informação e ação



Fonte: As Autoras (2020).

Deve-se esclarecer que, para evidenciar os elementos lembrar e esquecer, considerados fundamentais, outros componentes não estão representados no esquema, como por exemplo, as interações que despertam, ressignificam e constituem substrato das lembranças. Neste estudo, elas estão implícitas ao contexto, representado na figura como o filtro, no qual o indivíduo constrói a memória. Assim, o contexto influencia em como o passado será revisitado, no que será selecionado como lembrança. Segundo Pollack (1992), a memória é um fenômeno construído, estruturada em função das preocupações pessoais e políticas do momento em que está sendo evocada. Observa-se, então, a relação da memória, e consequentemente da informação, com o passado e o presente. Por esse motivo, por meio da memória é possível “atualizar impressões ou informações passadas, ou que o indivíduo representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

A atualização do passado a que Le Goff (1990) se refere está relacionada,

principalmente, ao presente, que molda a forma como nos lembramos do passado e, ao mesmo tempo, o que esquecemos. Nessa vertente, “a memória faz que os dados caibam em esquemas conceituais, reconfigura sempre o passado tendo por base as exigências do presente” (ROSSI, 2010, p. 28). Dessa forma, “quando observamos mais de perto a construção do passado verificamos que o processo tem muito pouco a ver com o passado e tudo a ver com o presente” (DOUGLAS, 1998, p. 82). Essa relação pode ser ampliada com a perspectiva de futuro: “o conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja.” (GONDAR, 2005, p. 17). Na figura 1, o futuro está implicado na ação realizada, que repercutirá em efeitos posteriores. Por sua vez, a proposta do sistema Colheita é uma forma de construir a memória da Semear, com o vislumbre de expandir no porvir o seu raio de atuação.

A partir do pressuposto de que as informações suscitadas pela memória podem direcionar, circunscrever ou interferir na tomada de decisão, verifica-se a apropriação e a proliferação delas, como meio de intervenção social por diferentes atores. Compreendem-se atores como “... qualquer entidade, elemento, coisa, pessoa, ou instituição que age sobre o mundo e sobre si.” (ARAÚJO; FROTA; CARDOSO, 2009, p. 138). Diante de sua importância, segundo González de Gómez (2002), o Estado assumiu o papel central no desenvolvimento de políticas de informação. Para Braman (2011), o Estado usa a política de informação como instrumento de poder, que abrange “leis, regulamentos e posições doutrinárias – e outras tomadas de decisão e práticas com efeitos constitutivos sobre toda a sociedade – que envolvem a criação, processamento, fluxo, acesso e uso de informação.” (BRAMAN, 2011, p. 3). Entre as políticas de informação, neste estudo, destaca-se o modelo Sistema de Informação de Pesquisa Corrente (*Current Research Information System – CRIS*) que inspirou a proposta do sistema Colheita.

A atuação do Estado no âmbito da memória torna-se mais relevante, de acordo com Olick, Vinitzky-Seroussi e Levy (2011), no pós-guerra, após o declínio das narrativas de um estado do bem-estar crescente. Desde então, os Estados–Nação se voltaram para o passado a fim de sustentar sua legitimidade.

“A memória recai agora no Estado, que instaura arquivos, museus, celebrações, homenagens e diferentes dispositivos que terão um papel importante nas estratégias de legitimação dos Estados nacionais”. (LIFSCHITZ, 2016, p. 73). Assim, segundo Lifschitz (2016), a memória nacional tornou-se uma tarefa estratégica do Estado, o qual propaga as memórias que eleger como pertinentes à perpetuação do seu poder.

Os arquivos, desde os tempos antigos, de acordo com Le Goff (1990), resultam da política dos que detinham o poder. Esses decidiam o que poderia ser registrado nos documentos. De fato, “os arquivos tiveram suas origens institucionais no mundo antigo como agentes capazes de legitimar esse poder e de marginalizar os que não tinham poder” (COOK, 2018, p. 17). Nesse prisma, Assman (2011) afirma que os arquivos, antes de constituírem a memória histórica, representam a memória da dominação. Dessa forma, para a autora, o poder político está vinculado ao controle sobre os arquivos, ou seja, da memória. Tais apontamentos, porém, não minimizam o valor dos arquivos enquanto fontes de informações sócio históricas, uma vez que representam o que deveria ser lembrado em um determinado contexto e o que foi esquecido, deliberada ou acidentalmente.

O controle político dos arquivos a que Assman (2011) alude é evidente nos arquivos vinculados ao Estado, sobretudo nos alocados em instituições. Essas são definidas por Lebrun (2016) como estado do que está instituído, isto é, estruturas fundamentais de organização social estabelecida por leis ou costumes. As instituições, segundo Douglas (1998), promovem a história, ou melhor, as memórias sob uma forma não intencional, como resultados de condutas direcionadas a fins imediatos, práticos. À medida que lançam luz e discriminam certos tipos de acontecimentos, paralelamente, obscurecem outros. Daí provém a inferência de Douglas (1998) de que a memória pública é o sistema de armazenagem da ordem social, fator que reflete novamente o valor enviesado, entretanto, histórico e até etnográfico dos arquivos. Nesse sentido, Assman (2011) destaca que o arquivo é ao mesmo tempo um armazenador da memória institucional e de conhecimentos, no qual se congrega também, em seus acervos, documentos que perderam a função legal/política e, em

contrapartida, adquiriram valor histórico.

Observa-se que a Semear agregava ambas as características, pois o acervo era subdividido em: arquivo institucional, com documentos administrativos e das coleções do Museu Nacional, bem como de sua história e do Palácio Imperial; e arquivos privados, de cientistas expoentes em áreas de interesse do Museu Nacional ou que tiveram algum vínculo institucional. Segundo Souza Filho (2018), estima-se que o acervo era constituído por 550 metros de documentos textuais, 20.000 documentos iconográficos, além de materiais cartográficos, sonoros e tridimensionais.

No que tange às diversas funções dos arquivos, Assman (2011) aborda, sucintamente, as que considera fundamentais, a saber: acessibilidade, seleção e conservação. A acessibilidade condiz com o status da instituição a qual está incorporado, podendo ser o acesso livre nas instituições democráticas e restrito nas repressivas. No caso da Semear, o acesso às coleções era livre, e pretende-se que assim permaneça em sua reconfiguração. A segunda é mais complexa, porque selecionar implica descartar de acordo com uma escala de critérios e valores, definidos em conformidade com as políticas de informação adotadas pelas instituições.

Para Assman (2011), os parâmetros diferem-se em cada geração; a informação desvalorizada hoje pode ser preciosa futuramente. Tal constatação sugere que os arquivos também são “locais para as lacunas de informação que não resgatam somente as perdas em catástrofes e em guerras, mas também resgatam, de maneira essencial e estruturalmente indispensável, uma cassação equivocada sobre o ponto de vista dos pósteros” (ASSMAN, 2011, p. 370). Em relação a Semear, por ser um arquivo histórico institucional, a seleção era aplicada na fase do acolhimento dos documentos doados, direcionada pela procedência, isto é, pelo vínculo institucional ou temático.

As lacunas de informação citadas por Assman (2011) são extremamente pertinentes ao contexto da proposta de reconfiguração da Semear. As doações previstas e os documentos recuperados na versão digital serão ínfimos se comparados com a dimensão do acervo anterior. Um exemplo claro é o fundo Bertha Lutz, que obteve o título de “Memória do Mundo” junto à UNESCO. Como

foi totalmente perdido em decorrência do incêndio, a organização concedeu pela primeira vez um Registro Nacional do Brasil de Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido¹⁰.

Os efeitos do incêndio no acervo da Semear foram devastadores, porque não existia uma política de conservação digital vigente. A conservação consiste na última função descrita por Assman (2011), encarada como preponderante para salvaguarda das informações e, conseqüentemente, da memória. O desafio da preservação das mídias analógicas é pior que do impresso, pois encontra-se além da limitação da durabilidade do suporte e, atualmente, reside na compatibilidade de acesso às mídias. Isso significa que o suporte se torna obsoleto antes do término de sua vida útil; logo, as informações são perdidas. Nesse cenário, “o arquivo se apresenta cada vez menos como um armazenador seguro e mais como um gigantesco mecanismo de esquecimento.” (ASSMAN, 2011, p. 178). A solução que essa autora aponta para a preservação dos documentos impressos e em mídias analógicas consiste na reescrita das informações no formato digital.

De certa forma, a migração dos conteúdos para formatos digitais propicia, a princípio, o acesso prolongado. Entretanto, no caso de catástrofes, essas informações podem ser perdidas se não estiverem em consonância com uma política institucional de conservação digital que viabilize a prática de *backup*. Desse modo, a perpetuidade dos arquivos será garantida, ou seja, o sonho de transcendência imanente mencionado por Assman (2011) pode ser possível. Na proposta do Colheita, essa questão será contemplada com a inserção na Rede Cariniana, abordada resumidamente na próxima seção.

Em suma, o arquivo tanto para Assman (2011) quanto para Farge (2009), por um lado, é um repositório do passado da sociedade, lugar onde estaria mantida a capacidade de preservar as informações e guardar as memórias. Por outro lado, reserva a oportunidade de ser um lugar de construção e produção

¹⁰ ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Aberto o registro nacional do Brasil de patrimônio documental perdido ou desaparecido. **Arquivo Nacional**. [2018]. Disponível em: <http://mow.arquivonacional.gov.br/index.php/not%C3%ADcias/115-aberta-a-lista-de-patrim%C3%B4nio-documental-do-brasil-perdido-ou-desaparecido.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.

desse passado, operadas por meio das interpretações da posição ambígua com a verdade e com o real. Como aponta Farge (2009, p. 32): “Esse traçado incerto do arquivo, tão prenhe de real apesar de suas possíveis mentiras, induz à reflexão”. Na proposta do sistema *Colheita*, o comprometimento é salvaguardar o que for recuperado tanto dos documentos do Museu Nacional, referentes à sua história institucional e à sua produção científica ao longo de dois séculos, quanto dos documentos doados por pesquisadores renomados. Além disso, também objetiva proporcionar o acesso aos desdobramentos das consultas aos documentos, considerando que esses simbolizam o aspecto intangível do uso da memória e da informação na produção do conhecimento.

3 A PROPOSTA DO COLHEITA: ASPECTOS TÉCNICOS E REFLEXÕES TEÓRICAS.

O Colheita consiste em um Sistema de Informação e Pesquisa, agregador digital, que reunirá documentos históricos, dados das pesquisas e publicações científicas, idealizado pela pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Maria de Nazaré Freitas Pereira, em parceria com a coordenadora da Semear, Maria das Graças Freitas Souza Filho. Por estar em fase de implantação, a estrutura do projeto de reconfiguração da Semear será descrita, a fim de situá-lo e demonstrar seus elos com os demais elementos. Paralelamente, aspectos técnicos serão brevemente apresentados, com o objetivo de esclarecer as funções e a importância dos componentes. Por fim, algumas reflexões serão suscitadas para a compreensão da proposta à luz do campo da memória.

Em linhas gerais, o projeto de reconfiguração abarca três sistemas diferentes: Sistema CRIS Nacional denominado por Pereira, Chaves e Araújo (2019) como BR-CRIS, Archivemática e Atom, mais a Rede Brasileira de Serviços de Preservação Digital (Cariniana) para cópia de segurança das informações. A interoperabilidade entre os sistemas consiste em um dos desafios do projeto. Segundo Baker, Simons e Brown (2014), a capacidade de fazer sistemas e organizações trabalhar em conjunto perpassa questões

técnicas, bem como aspectos sociais, políticos e organizacionais, muitas vezes conflituosos. Nesse cenário, constata-se que a operacionalização da produção da memória da Semear está envolta por dimensões reguladoras e pela mobilização de diferentes atores e disputas. Desse modo, “a memória se constitui como estratégia e negociação de sentidos.” (MORAES, 2005, p. 92). Com o propósito de facilitar os diálogos, foram estabelecidas parcerias com pesquisadores conhecidos de outras instituições, entre elas, destacam-se o Arquivo Nacional e o IBICT.

Outra decisão que contribui para a interoperabilidade reside na seleção dos sistemas, pois todos são *softwares* de acesso livre e código aberto. O IBICT desenvolveu metodologias de implementação no Brasil e, em alguns casos, tecnologias adotadas pelos sistemas e da Rede Cariniana. Entretanto, esse fator não reduz a complexidade do projeto, uma vez que cada componente implica um universo de processos, políticas, metadados e terminologias técnicas, que fogem ao escopo deste artigo. Cada componente do projeto é passível de ser problematizado em livros e teses; por esse motivo, a seguir são elencados de forma sucinta:

- a) Atom: significa acesso para memória, elaborado pelo Conselho Internacional de Arquivos (ICA), com o objetivo de recuperar e gerenciar informações, de acordo com as normas arquivísticas internacionais. A interface pode ser configurada conforme os interesses da instituição¹¹;
- b) Archivemática: "sistema de preservação digital [...] projetado para manter os dados baseados em padrões de preservação digital e o acesso em longo prazo, para coleções de objetos digitais" (COSTA; MARTINEZ; FLORES; RODRIGUES; NOVAIS, 2016, p. 14). O sistema está atrelado ao Atom, assim, as informações são migradas segundo o pacote de informação para arquivamento (AIPO);
- c) Rede Cariniana: desenvolvida em 2013 pelo IBICT no Brasil, a partir da adesão ao programa internacional de preservação digital LOCKSS da *Stanford University*. Consiste em uma rede descentralizada, na qual cada

¹¹ Acesso a mais informações sobre o Atom em: <https://www.accesstomemory.org/es/>;

participante assume os custos e o compromisso de preservar digitalmente os dados de outras instituições, segundo normas e padrões estabelecidos. Apenas instituições com publicações de acesso livre podem participar. Além da preservação, promove mecanismos que facilitem a automatização dos processos de identificação, armazenamento, validação e conversão de novos formatos digitais¹²;

- d) BRCRIS: projeto lançado pelo IBICT em 2014, em andamento, cujo propósito é desenvolver um sistema CRIS brasileiro, como base nos sistemas de informação existentes e propor novos campos, a fim de atender as necessidades de informação nacionais. O BRCRIS visa também a servir de modelo e integrar os CRIS locais¹³.

O Colheita é uma versão local do BRCRIS que, por sua vez, é uma versão do sistema de cooperação internacional CRIS, agregador de informação, definido como:

sistemas capazes de integrar, para acesso conjunto, diferentes módulos de informação que permitem sistematizar a atividade de pesquisa desde o seu nascedouro – o projeto que, depois de financiado, dá origem a resultados –, bem como cadastros de instituições e de pesquisadores que referenciam o patrimônio coletivo sem o qual a pesquisa não se faz. (PEREIRA, 2019).

A partir do exposto, infere-se que o sistema CRIS decorre da estruturação e da integração da informação de pesquisa de vários subsistemas. As metodologias e tecnologias empregadas para esse fim são diversas, segundo Pereira (2019), dentre elas, destacam-se: CERIF (*Common European Research Information Format*) e o DSpace CRIS (*open source* próprio para sistemas CRIS). No que se refere aos subsistemas de informação, os principais são arrolados por Pereira (2019), como: projeto de pesquisa, resultados (publicações, filmes, documentários, exposições patentes, entre outros), organizações, laboratórios, equipamentos, e dados brutos de pesquisa. Ainda, de acordo com a autora, os tipos de CRIS podem ser classificados em: institucional, geográfico, temático, coleção e híbrido. Após esse breve resumo,

¹² Outras informações em: <http://cariniana.ibict.br/index.php/inicio>

¹³ Acesso a informações sobre o BRCRIS em: <http://www.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/coletanea-brcris>.

emergem três questões: Por que o modelo CRIS foi inserido no projeto de reconfiguração? Qual a classificação do Colheita? Quais subsistemas pretende abarcar?

O uso do modelo BRCRIS deve-se fundamentalmente a dois motivos. O primeiro surgiu com a constatação de que o conjunto de documentos recuperáveis, após o incêndio, seria indubitavelmente menor que o acervo original. Assim, a possibilidade de ampliar o acervo de forma não aleatória, ou seja, com algum vínculo a Semear e, ao mesmo tempo, enriquecer o acervo com outras informações sobre o escopo de seu interesse, constitui um dos motivos que contribuíram para esta escolha do sistema. Outro motivo consiste na divulgação da importância da Semear. Os desdobramentos (publicações científicas, financiamentos, e pesquisadores) demonstram como os documentos consultados subsidiaram pesquisas sobre as memórias do Museu Nacional, de personalidades científicas e da Ciência no Brasil. Tal reconhecimento transparece na medida em que o arquivo, segundo Assman (2011), adquire o significado de memória potencial ou pré-condição material para memórias futuras.

A memória potencial, na esfera do projeto, pode ser analisada a partir da simbologia das publicações científicas. Estas, nas interpretações tanto dos documentos da Semear, como fontes de informação relevantes para releitura do passado, quanto o próprio material de consulta no Colheita para construção de memórias futuras. Por último, o motivo que impulsionou a escolha foi a ligação afetiva familiar entre a coordenadora da Semear e a pesquisadora do IBICT. Aliás, as relações de afeto para a construção da memória da Semear tornam-se evidentes também nas múltiplas demonstrações de apoio dos pesquisadores, familiares e funcionários. Muitos se prontificaram, por e-mail, a ajudar com o envio da versão digital dos documentos doados ou consultados, além de autorizarem a disponibilidade de suas publicações científicas no Colheita.

Cabe destacar que o afeto é considerado um dos fatores inerentes à construção da memória segundo Gondar (2016). Para a autora, não existem memórias fora de um contexto afetivo. “Se, como artifício explicativo, desdobrarmos o processo de produção da memória em algumas etapas

deveremos considerar o afeto como a primeira [...]. Desse modo, se a memória é um processo, o que o deflagra são relações e afetos.” (GONDAR, 2016, p. 38). Sob esse aspecto, verifica-se que o incêndio do Museu Nacional e, conseqüentemente, da Semear, deflagrou o sentimento de solidariedade, que estimulou a mobilização de um grupo de pessoas em sua reconfiguração. Nota-se também o sentimento de continuidade atrelado a Semear, como elemento integrante do processo de reconstrução da memória.

Em relação à classificação, o Colheita é considerado um sistema híbrido, pois não se restringe a documentos da instituição Museu Nacional ou da Universidade Federal do Rio de Janeiro (exemplo: arquivos privados). Por um lado, não é temático nem geográfico, porque agregará documentos de diversas áreas do conhecimento, entre eles, relatórios de pesquisa desenvolvidos em outros países. Por outro, também não pode ser de coleção, uma vez que agregará os desdobramentos, ou seja, documentos que originalmente não estavam inseridos no acervo da Semear.

Os subsistemas do Colheita estão organizados em: dados de pesquisa (documentos digitais da Semear), resultados de pesquisa (publicações científicas derivadas das consultas aos documentos da Semear), dados de financiamento (instituições que contribuíram para as pesquisas das publicações derivadas), e pesquisador (informações do usuário que consultou os documentos da Semear).

A alternativa encontrada de construção da memória em ambiente virtual, ao mesmo tempo em que impõe, como imperativo, a preocupação com a preservação das informações, no projeto retratadas na memória interna (Archivematica) e externa (Rede Cariniana), amplia sua atuação. No contexto virtual, o arquivo adquire o potencial de “livrar o conhecimento das suas amarras de espaço e matéria, e torná-lo acessível em qualquer lugar. Nesse cenário, tido como uma perspectiva previsível do futuro desvanece-se a imagem do arquivo como um local de memória cultural, fechado” (ASSMAN, 2011, p. 381).

A compilação e a organização dos documentos digitais que serão doados configuram-se como outros desafios do projeto. No que tange à compilação, a primeira iniciativa do grupo envolvido no projeto de reconfiguração foi a

elaboração de um formulário *online*, a fim de ser divulgado em campanha nacional e, posteriormente, internacional. Os campos do formulário visam à identificação do pesquisador (instituição, área de formação, contato e identificação no *lattes*), tipo do documento (cartas, relatórios, fotos, entre outros) e sua procedência (fundo), bem como as informações sobre as publicações derivadas e, em alguns casos, os financiamentos obtidos para as respectivas pesquisas.

O formulário, inicialmente, deveria ser preenchido pelo doador para cada conjunto documental. Entretanto, no teste piloto realizado pela equipe com o pesquisador Paulo Rogério Marques Sily constatou-se que este não era o melhor procedimento, devido ao tempo despendido para a realização dessa tarefa e às diversas dúvidas que surgiram para com a identificação do documento. Desse modo, no momento, a estratégia adotada para o povoamento inicial do Colheita consiste em que membros do grupo e bolsistas da Semear possam auxiliar os pesquisadores que se dispuseram a contribuir preenchendo o formulário, até que os campos do mesmo sejam otimizados com a inserção de soluções tecnológicas de vínculos com a plataforma *lattes* ou *Open Researcher and Contributor ID (ORCID)*¹⁴.

No que se refere à organização, um universo de possibilidades se descortina. Na visão tecnológica do sistema BR CRIS, o uso do CERIF é mandatário, mas exige estudo para o estabelecimento dos campos que atendam às necessidades de informação e vínculos do Colheita. A padronização dos campos deve considerar a avaliação dos documentos, primeiramente, no âmbito teórico para orientar a tomada de decisão sobre a inclusão do documento, depois pelo seu estado de visualização (aplicar recursos para melhorar esse aspecto; caso não seja viável, pensar em qual campo e como colocar esse tipo de informação), e formatos (vídeos, cartas, ilustração, mapa, fotografia, pôster, entrevista, entre outros).

As reflexões teóricas são pertinentes para a compreensão dos

¹⁴ Identificador digital único e persistente, que distingue um acadêmico ou pesquisador de outro.

documentos remanescentes, enquanto vestígios, rastros e restos. No teste piloto, constatou-se que, provavelmente, uma parte das doações será documentação fragmentada, isto é, partes de documentos (exemplo: folhas do livro porteiro ou de relatórios). Diante dessa possibilidade, questiona-se: Como tratar e organizar a documentação fragmentada? Afinal, essa documentação deve ser inserida no Colheita? As questões levantadas não serão respondidas neste estudo, por não haver, ainda, um *corpus* documental do projeto que possibilite aprofundar as reflexões. Contudo, é inevitável apresentar, mesmo que de forma sucinta, a alusão dos “arquivos ao lixo” elaborada por Assman (2011).

Arquivo e lixo não são interligados por meio de uma analogia imagética, mas sim de uma fronteira em comum que pode ser transportada por objetos em ambas as direções. O que não pode entrar no arquivo cai no aterro sanitário, e o que for excluído do arquivo de tempos em tempos por falta de espaço acaba lá de alguma forma. Porém, muito do que se guarda hoje no arquivo teve, nesse ínterim, *status* de lixo [...]. Para que os resíduos de produção que foram excluídos de seu contexto de uso original possam ter alguma chance de sobrevivência, num arquivo ou museu, eles devem ter a qualidade de vestígios que sobrevivem ao “dente do tempo” (ASSMAN, 2011, p. 411).

A comparação da autora é interessante para o escopo do debate sobre a inserção dos documentos fragmentados. Estes, a princípio, podem ser classificados como lixo, inutilizáveis, porém, segundo Assman (2011), o lixo aponta para uma memória latente sempre sinalizando uma presença e uma ausência. Isso significa que representa algo que deixou de ser e, simultaneamente, assume um novo significado. Para exemplificar, Assman (2011) menciona o ressignificado dos lixos nas exposições de arte. No caso dos documentos, ela os qualifica como vestígios de uma herança cultural que, assim como o lixo, representam traços passíveis de serem apagados ou recuperados. Aliás, caso os documentos fragmentados não sejam inseridos no Colheita, não estariam sendo apagados? Qual o significado dos documentos fragmentados no escopo do projeto de reconfiguração? Eles só têm valor se corresponderem a uma coleção e/ou se reproduzirem informações compreensíveis, ou simplesmente devem ser preservados, por simbolizarem resistência ao esquecimento do acervo perdido no incêndio?

O preâmbulo da proposta do sistema Colheita caracteriza-se como

exemplo de construção coletiva da memória, por contar com o envolvimento de diferentes atores em sua formação e, especialmente, por parte considerável dos documentos doados serem provenientes de pesquisas individuais. Essa constatação fundamentou-se na consideração de Halbwachs (2006) de que cada memória individual consiste em um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nesse contexto, os documentos dispersos como memórias dos indivíduos sobre suas pesquisas serão compilados e conformados, como parte da memória da Semeiar, ou seja, uma memória coletiva.

Em síntese, tanto o projeto Semeiar quanto o Colheita constroem a memória de um grupo, familiares, funcionários e pesquisadores envolvidos em sua concepção, e de versões do passado encarnadas nos documentos, ambos atravessados por questões sociais, políticas e éticas. Nesse sentido, destaca-se o pensamento de Halbwachs, expresso no estudo de Olick, Vinittzky-Seroussi e Levy (2011), de que a memória assume diferentes formas segundo a organização social e, sobretudo, é operada pelos arranjos sociais. Os “grupos nos fornecem o estímulo ou a oportunidade de recordar, mas também moldam as formas em que o fazemos, e muitas vezes fornecem os materiais.” (OLICK, VINITZKY-SEROUSSI, LEVY, 2011, p. 78).

Portanto, de acordo com o projeto Colheita, a memória da Semeiar deverá ser (re)construída coletivamente e consolidada no agora, uma vez que “é o lugar onde o passado e o futuro visam um ao outro, onde eles se tocam” (LISSOVSKY, 2005, p. 138). Ainda de acordo com este autor, o passado e o futuro convergem. No âmbito do projeto de reconfiguração, ambos se complementam, pois os documentos recuperados são indícios do passado, e o futuro é o Colheita. O agora é a fase de planejamento e execução do projeto comprometidos com a memória no devir. Este comprometimento pode também ser interpretado como “foco de resistência no seio das relações de poder, o que revela um comprometimento ético e político em sua construção.” (FERREIRA, 2016, p. 140).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os escombros do incêndio e nas nuvens formadas pelas cinzas, pequenas luzes se destacam. Vistas de longe parecem insignificantes, porém, quanto mais o observador se aproxima, mais tem noção da grandiosidade e do espetáculo que representam. O cenário caótico exala infortúnios. E por mais que interfiram na intensidade e na temporalidade de sua propagação, não interrompem a luz, o brilho, dos vaga-lumes. No refletor contemporâneo da Sociedade da Informação, geralmente, não são perceptíveis. A capacidade de enxergá-los e reconhecê-los depende do interesse do observador em vislumbrá-los, porque os vaga-lumes são incansáveis e indestrutíveis. Os vaga-lumes, no livro de Didi-Huberman (2011), personificam a resistência. Neste estudo, as iniciativas do Museu Nacional em prol de sua reabertura adquirem significado análogo.

As dificuldades impostas pelo incêndio, somadas às atuais políticas públicas que primam pela contenção de verbas para setores sociais como educação, cultura e produção de conhecimento, e as grandes exigências burocráticas para investimentos externos em instituições públicas não impediram, até o momento, o movimento de resistência dos funcionários, das instituições e dos sujeitos que se sensibilizaram com a catástrofe ocorrida, como é enfatizado em sua logomarca o “Museu Nacional Vive”¹⁵. Nessa perspectiva, insere-se o projeto de reconfiguração da Semear, com ênfase, para o sistema Colheita. A elaboração do sistema simboliza a construção coletiva da memória que, inclusive, agregará os desdobramentos, ou seja, os resultados derivados da consulta à documentação da Semear. Os aspectos técnicos, bem como reflexões à luz da informação e do campo da memória foram expostos, com a intenção de propiciar discussões acerca de sua complexidade. O presente estudo identificou algumas questões que merecem ser refletidas durante a trajetória de sua concepção.

¹⁵ Para visualizar a logomarca: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Museu Nacional Vive. **UFRJ**. Disponível em: <https://ufrj.br/museunacionalvive>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Por fim, a partir do pressuposto de que um dos objetivos da Semear é salvaguardar a documentação institucional sobre a memória do Museu Nacional, suscita-se outra questão: Como o projeto de reconfiguração pode abarcar e contribuir para a compilação de documentos (vestígios) da memória do incêndio, sobretudo, da memória pós-catástrofe? O cenário pós-catástrofe é composto por inúmeras pesquisas, projetos e medidas emergenciais, como por exemplo, a iniciativa do Resgate¹⁶, que tem o propósito de retirar as peças dos escombros do Palácio Imperial, identificá-las e expô-las. A documentação que está sendo gerada e os testemunhos da equipe envolvida nessa atividade de Resgate, e nas demais iniciativas do Museu Nacional no pós-catástrofe, seriam passíveis de salvaguarda no projeto de reconfiguração? Esses documentos representariam, então, os esforços dos vaga-lumes? Vale considerar, inclusive, que todos aqueles que estão envolvidos no projeto de reconfiguração são vaga-lumes que brilham mesmo diante dos infortúnios e desafios.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de; FROTA, Maria Guiomar da Cunha; CARDOSO, Ana Maria Pereira. Práticas, inscrições e redes sociotécnicas: contribuições de Bruno Latour e dos estudos sociais da ciência e da tecnologia para a ciência da Informação. *In*: BORGES, Maria Manuel; CASADO, Elias Sanz. **A Ciência da Informação criadora de conhecimento**. Coimbra: Pombalina, 2009. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt>. Acesso em: 28 jul. 2019.

ASSMAN, Aleida. Armazenadores. *In*: ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação**. Campinas: EdUNICAMP, p. 367-435, 2011.

BAKER, David; SIMONS, Edward; BROWN, Josh. The various aspects of Interoperability: a strategic partnership driving interoperability in research information through standards. *In*: **EuroCRIS Strategic Membership Meeting Autumn**, Amsterdam, nov. 2014. Disponível em: <http://dSPACECRIS.EuroCRIS.org/bitstream/11366/354/1>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BORKO, H. Information Science: what is it?. **American Documentation**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

¹⁶ Para mais informações: MUSEU NACIONAL (Brasil). Resgate pós-incêndio. **Museu Nacional**. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/destaques/resgate-pos-incendio.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BRAMAN, Sandra. A economia representacional e o regime global da política de informação. *In*: MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita (org.). **Informação, conhecimento e poder**: mudança tecnológica e inovação social. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 41-66.

BUCKLAND, Michel. Documentation, information Science: philosophical aspects. **Journal of Information Science**, [s.l.], v. 2, p. 125-133, 1980.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 10 de novembro de 2003. **Anais [...]**. Belo Horizonte: [s.l.], 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 26 jul. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz em Terra, 2011.

COOK, Terry. O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. *In*: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

COSTA, Icléa T. Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Tese (Doutorado em Ciência da Informação – Curso de Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

COSTA, Milene; MARTINEZ, Ninfa; FLORES, Daniel; RODRIGUES, Sérgio; NOVAIS, Marcos. **Guia do usuário Archivemática**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/35174257/archivematica_GUIA_DO_USU%C3%81RIOAcesso em: 20 abr. 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FARGE, A. Milhares de vestígios. *In*: FARGE, A. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, p. 9-23, 2009.

FERREIRA, Lucia M. A. As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 105-114.

FERREIRA, Lucia M. A. Memória e esquecimento na língua. **Morpheus**, [s.l.], v. 15, n. 9, p. 137-148, 2016.

GONDAR, J. Cinco Proposições sobre Memória Social. **Morpheus**, [s.l.], v. 15, n. 9, p. 19-40, 2016.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre Memória Social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005. p. 11-26.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para informação. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 115-134, jan./dez. 2009.

HALBWACHS, M. Introdução. *In*: HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, p. 17-70, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência a memória: usos e abusos do esquecimento público. *In*: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 155-176, 2014.

LEBRUN, Jean-Pierre. Os implícitos da instituição. *In*: LEBRUN, Jean-Pierre. **Clínica da instituição**. Porto Alegre: CMC Editora, p. 13-67, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br>. Acesso em: 10 ago. 2019.

LIFSCHITZ, J. Em torno da memória política. **Morpheus**, [s.l.], v. 15, n. 9, p. 67-82, 2016.

LISSOVSKY, Maurício. A memória e as condições poéticas do acontecimento. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005. p. 133-144.

MARTELETO, Regina Maria. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno?. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 169-180, 1987.

MORIN, Edgar. **O Método 2: a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLICK, J. K.; VINITZKY-SEROUSSI, V.; LEVY, D. Introduction. *In*: OLICK, J. K.; VINITZKY-SEROUSSI, V.; LEVY, D. (eds.). **The collective memory reader**. New York: Oxford University Press, p. 3-62, 2011.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Projeto Colheita. *In*: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. **Apresentação interna do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 2019.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; CHAVES, Hélia de Souza; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira (eds.). **Dos padrões internacionais de estruturação da informação de pesquisa aos indicadores: primeira incursão na temática**.

Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2019. 220p. E-book. Disponível em: <http://www.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/coletanea-brcris>. Acesso em: 15 abr. 2020

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, [s.l.], v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROSSI, P. Lembrar e esquecer. *In*: ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: EdUNESP, p. 15-38, 2010.

SOUZA FILHO, Maria das Graças Freitas. Semear. *In*: SOUZA FILHO, Maria das Graças Freitas. **Apresentação interna do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 2018.

THE RECONFIGURATION PROJECT OF NATIONAL MUSEUM MEMORY AND ARCHIVE SECTION IN THE PERSPECTIVE OF INFORMATION AND MEMORY

ABSTRACT

Objectives: To identify the elements of the Colheita system and reflect on technical and theoretical issues on which it is based. Also, it aims to address the relationship between memory, information and files, and to demonstrate the interdependence of human actions, information and memory. **Methodology:** It is a descriptive and qualitative study, and its theoretical framework encompasses Information Science and Social Memory fields' authors. **Results:** The theoretical issues make room for questions about the Colheita's system reconfiguration and implementation project, mostly, they support the idea that both are collective memory constructions. **Conclusions:** Since to safeguard the institutional documentation on the memory of the National Museum is one of the Semear goals, this investigation highlights that the reconfiguration project should encompass post-catastrophe memories and, consequently, should be an integral part of Colheita.

Descriptors: National Museum. Memory and Archive Section. Information. Memory. Archive.

EL PROYECTO DE RECONFIGURACIÓN DE ARCHIVO Y MEMORIA DEL MUSEO NACIONAL DESDE LA PERSPECTIVA DE INFORMACIÓN Y MEMORIA

RESUMEN

Objetivos: Identificar los elementos del sistema Colheita y reflexionar sobre cuestiones técnicas y teóricas que lo anclan. Abordar la relación entre memoria, información y archivos, además de demostrar la interdependencia de las acciones humanas con la información y la memoria. **Metodología:** La investigación se caracteriza por ser descriptiva y cualitativa, con una discusión centrada en autores en el área de Ciencias

de la Información y Memoria Social. **Resultados:** Las reflexiones teóricas plantean preguntas sobre el proyecto de reconfiguración e implantación del sistema Colheita y, sobre todo, respaldan el hallazgo de que ambas son construcciones colectivas de la memoria. **Conclusiones:** Al considerar que uno de los objetivos de Semear es salvaguardar la documentación institucional en la memoria del Museo Nacional, señala que los recuerdos posteriores a la catástrofe deben considerarse en el proyecto de reconfiguración y, por consiguiente, insertarse en la Colheita.

Descriptores: Museo Nacional. Sección de Memoria y Archivo. Información. Memoria Archivo.

Recibido em: 13.05.2020

Aceito em: 10.09.2020